

# IMPÁVIDOS QUE NEM MOHAMED ALI

LEVANTAMENTO  
INÉDITO DA FUNAI  
IDENTIFICA 890  
ÍNDIOS NA AMAZÔNIA  
QUE NUNCA TIVERAM  
CONTATO COM A  
CIVILIZAÇÃO

Ana Beatriz Magno e  
Romário Schettino  
Da equipe do Correio

**S**empre se soube que, na imensidão das matas brasileiras, existiam tribos indígenas que nunca tiveram contato com o que o homem branco chama de civilização. A novidade é que, pela primeira vez, uma parte desses índios foi quantificada e localizada. Na semana passada, o Correio Braziliense teve acesso a um levantamento que vem sendo feito há dois anos e nunca foi divulgado. Elaborado por técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai), o levantamento mostra que há pelo menos 890 índios isolados, nome dado aos que nunca tiveram contato com a civilização, instalados em cinquenta pontos da Amazônia (veja mapa). Eles vivem hoje do mesmo modo como viviam quando portugueses desembarcaram na costa brasileira há cinco séculos.

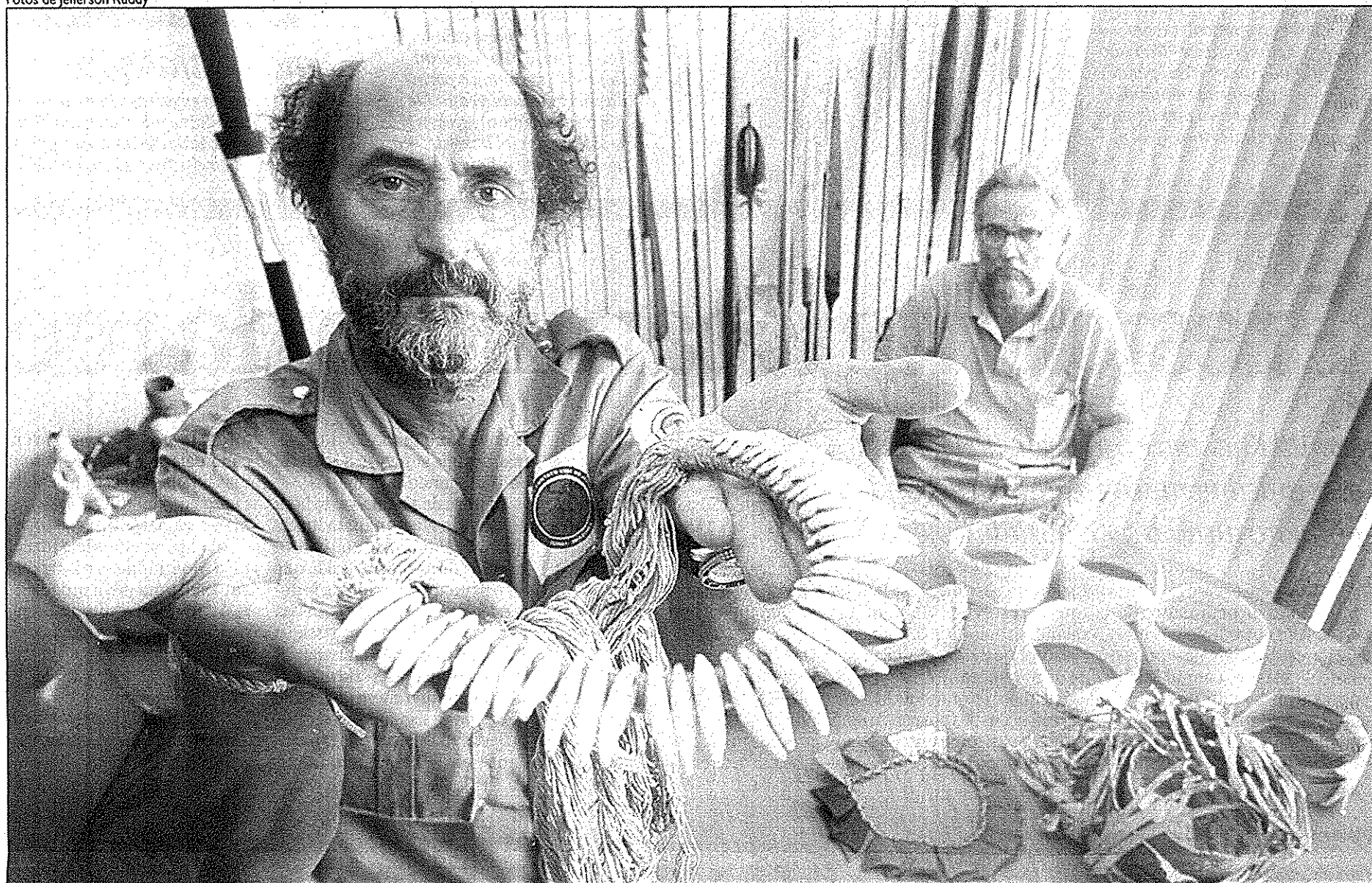
Intocados, eles andam nus pelas matas, alimentam-se do que caçam, plantam apenas mandioca e banana, e mantêm intactos rituais tradicionais, como o canibalismo e as guerras tribais. Como Caetano Veloso os enxergou na música *O Índio*, na qual comparou a bravura indígena com a do boxeador Mohamed Ali, esses 890 silvícolas são impávidos e guerreiros. Vivem no fundo das matas e, ao sinal de qualquer presença estranha, atacam. Agem como a tribo dos Arara, por exemplo, que já teve contato com o homem branco, mas ainda hoje sempre atacam para matar. Abrem a barriga de suas vítimas e comem as vísceras. O crânio vira amuleto, usado em rituais de dança. O fêmur se transforma em flauta.

## TRÊS GRUPOS

O levantamento inédito da Funai, ao qual o jornal *New York Times* também teve acesso, ainda não é definitivo. Os técnicos do órgão calculam que há outros 5 mil indígenas isolados na Amazônia, mas até agora só localizaram 890. Eles não sabem a que tribos pertencem, mas pelos menos três grupos foram identificados. Há, entre eles, índios das famílias Pano, Zoe e Korubo. Os especialistas chegaram a essa conclusão porque eles vivem nas mesmas regiões de índios já contactados dessas etnias. "Esses 890 são uma parte muito pequena dos índios isolados, há muito o que se descobrir. Só no Vale do Javari, no Amazonas, temos informações sobre 250 índios, o que talvez corresponda a um quinto da população local. Dos outros não sabemos nada", conta o sertanista Sydney Possuelo, ex-presidente da Funai e atual diretor do departamento que cuida dos índios isolados.

Calcula-se que o Brasil tinha 10 milhões de índios quando chegaram por aqui os portugueses. Hoje, restam 330 mil, devidamente

Fotos de Jefferson Ruddy



O sertanista Sydney Possuelo, ex-presidente da Funai e atual diretor de índios isolados: "Nunca estivemos frente a frente. E, se depender de mim, nunca estaremos"

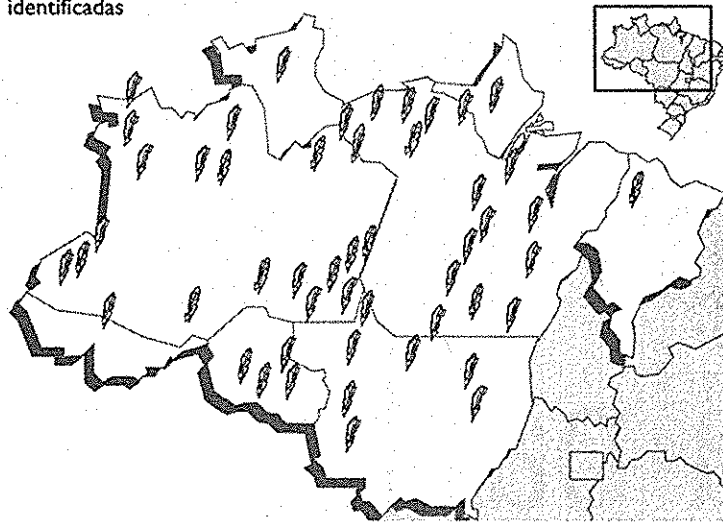
identificados, que se dividem em 220 etnias e falam 180 línguas. Agora, o trabalho da Funai começa a mostrar que, na verdade, há mais que 330 mil índios considerando-se os que permanecem em estado puro. Trata-se de uma descoberta de alta relevância. A presença de nações indígenas em terras brasileiras representa uma riqueza intransferível, uma diversidade cultural que engrandece o Brasil, único dos nove países amazônicos que possui um órgão governamental especialmente dedicado à preservação dos índios isolados.

## "NÃO SABEMOS NADA"

A cada três meses, Possuelo se embrenha na floresta para identificar novos povos indígenas, comandando sete equipes especializadas. Já sabe, por exemplo, que numa área entre os rios Negro e Solimões, no norte do Amazonas, existem tribos desconhecidas, que até hoje só foram observadas dentro dos aviões de pesquisa ou reveladas em depoimentos de caboclos da região. "Não sabemos nada sobre eles, sobre a cultura deles. Nunca estivemos frente a frente e, se depender de mim, nunca estaremos", diz Possuelo. Sertanista respeitado, herdeiro dos mestres Orlando e Claudio Villas-Boas, Possuelo está fazendo uma revolução silenciosa na Funai. Colocou equipes em pontos estratégicos da mata, próximos dos locais onde desconfiava

## ONDE ESTÃO OS ÍNDIOS ISOLADOS

Cerca de 1.000 indígenas, pertencentes a etnias como ARUAK, PANO e TUPÍ, vivem longe da chamada civilização nestas 50 áreas identificadas



da presença de nativos, mas proibiu-as de fazer qualquer contato.

"Não temos relação com os índios. Alguns sabem que estamos lá porque nos vêem na mata, ou se aproximam de algum posto da Funai. Mas, eles não sabem quem somos, não sabem o que é a Funai e muito menos que estamos ali para protegê-los. Por isso, eles nos atacam", explica José Carlos Meirelles, um dos integrantes das equipes de Possuelo. Na última quinta-feira, houve um episódio desses. Quarenta índios, todos nus e carregando arcos e flechas, cercaram um pequeno posto da Funai, às margens do rio Envira,

no Acre, próximo à fronteira com o Peru, e mataram galinhas e filhotes de cachorros, provocando a fuga dos sete brancos que se encontravam no posto da Funai. Mesmo assim, a idéia é não fazer contato. "Índios já contactados bebem, fumam, andam de roupa e são profundamente infelizes. Ou alguém acha que os guaranis que vivem pelas estradas de São Paulo vendendo artesanatos estão incorporados? Estão perdidos", diz Possuelo. Então, em nome da riqueza e da beleza, que os índios isolados assim permaneçam, felizes e impávidos que nem Mohamed Ali.

## Missionários do mal

Criar frentes de contato com os índios para não contactá-los é uma idéia que começou a ser implementada pela Funai em 1987. Até então, os brancos oscilaram entre conhecer os nativos para escravizá-los ou conhecê-los para civilizá-los. A primeira proposta nasceu com os bandeirantes no século XVII. A segunda chegou com os jesuítas e vigora até hoje entre alguns grupos religiosos.

A organização protestante New Tribes Mission, uma ONG estadunidense, é o mais nefasto dos exemplos. Estes missionários estão no Acre, no Oeste da Amazônia, em toda a região do Projeto Calha Norte e no Amapá. Já lançaram até uma campanha mundial na Internet, com o objetivo de arrecadar dinheiro para "civilizar" os índios. O slogan da campanha é: "Adote um povo isolado".

Tudo começou em 1946, quando chegaram os primeiros missionários da New Tribes em Guajará-Mirim, Rondônia. O objetivo era fazer contato com os Pakaas Novos. Em 1951, um navio despejou em Belém mais 80 missionários, a quem logo se juntaram os brasileiros. Em 1953, fundaram uma subsidiária nacional com o nome de Missão Novas Tribos do Brasil.

Daí para cá, fundamentados num dos ensinamentos da Bíblia,

escrito pelo apóstolo Marcos, que ordena "ide, pregai o Evangelho a toda a criatura", estes estadunidenses ampliaram seus horizontes. Montaram bases inicialmente entre os Karajá, Apinajé e Galibi, e hoje estão presentes em 36 tribos espalhadas de Norte a Sul do Brasil e pretendem catequizar os índios, "civilizando-os".

## "SERIA UMA TRAGÉDIA"

Não satisfeitos, os 450 homens da Missão Novas Tribos, autodenominados *obreiros*, atuam também na Guiné e no Senegal em nome de uma chamada "visão missionária mundial".

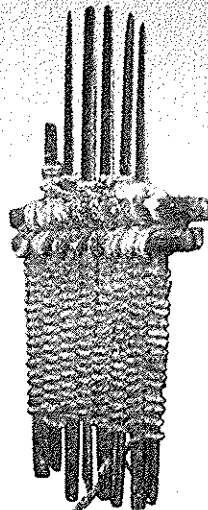
As 88 igrejas construídas por estes obreiros, além de pregarem a "palavra de Deus aos índios na sua própria língua, atuam também no assistencialismo social nas áreas de saúde e educação. "Tememos que eles cheguem aos índios isolados de nossas fronteiras. Seria o começo de uma tragédia", diz o sertanista José Carlos Meirelles, da Funai.

"A liberdade dos índios, o fato de não estarem presos a nada, nem a dinheiro ou burocracia, assusta os brancos. Por isso, o desejo de enquadrá-los da maneira mais odiosa possível", diz Sydney Possuelo, atual diretor do departamento de índios isolados da Funai. (ABM e RS)

## ACHADOS E PERDIDOS



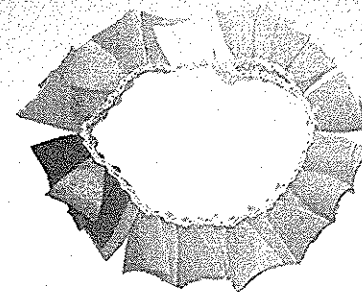
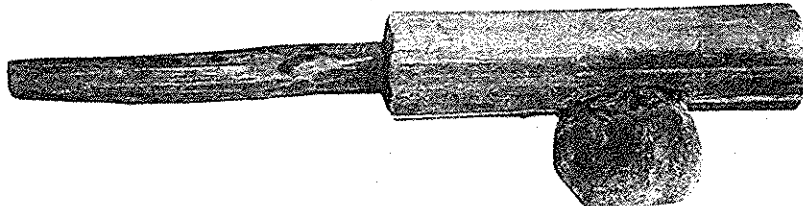
Dos índios da língua Pano, Acre: Flechas de taboca que mataram em 1998 um seringueiro



Nas tentativas de localizar os índios isolados, os técnicos da Funai já encontraram

pela mata muitos objetos usados pelos nativos

Dos Zo'és: pente de madeira (à esquerda), machado de madeira e pedra (abaixo), e breu para iluminar feito da resina de jatobá (à direita)



Colar feito de embalagem de Tordon, desfolhante conhecido como "agente laranja", usado na guerra do Vietnã. Esses índios estão isolados, mas cercados de fazendas e por isso têm acesso ao que os fazendeiros jogam fora.